

# Sonho, Deslocamento e Representações<sup>1</sup>

LÚCIA MARISA BANDIERA ZALESKI

Os sonhos nos causam um encantamento, um ar de mistério. Em parte porque todos nós sonhamos e quase sempre nos lembramos de pelo menos alguns dos nossos sonhos. Os sonhos são misteriosos, fascinantes, marcantes e ao mesmo tempo reais, por conterem um significado. Na verdade todos os sonhos querem dizer alguma coisa, embora os significados possam ser muitos, especialmente quando se começa a compreendê-los.

Por que sonhamos? Qual a importância de sonharmos? Sonho parece ser um teatro particular. Os sonhos desempenham uma função independente do nosso esforço para compreendê-los. Os sonhos são reminiscências profundas de nossa imaginação, das vivências de restos diurnos, de experiências e desejos que utilizam e operam através de códigos, símbolos e metáforas. Os sonhos não nos aparecem de forma clara e explícita. Ao despertarmos do sono, temos reminiscências e vagas lembranças. Entretanto, ao examinarmos as tramas, os personagens e seu conteúdo aparentemente sem sentido, percebemos um significado racional, sensato e a representação de uma condição profunda, desperta e avivada para o consciente de nossos desejos e temores.

Embora os sonhos não nos deem respostas conclusivas, podem nos ajudar a esclarecer o que sentimos em relação às imagens e objetos introjetados, como também ao que emerge de seu conteúdo. O inconsciente trabalha incessantemente, tanto em nosso estado de vigília quanto em nossos sonhos e sonos. O inconsciente e o consciente estão intimamente interligados. Freud (1916[1915-16], p.117) diz: “Em vez de falar em “oculto”, “inacessível” ou “não-genuíno”, adotemos a descrição correta e digamos “inacessível para a consciência do sonhador” ou “inconsciente””<sup>1</sup>.

O sono é parte do processo fisiológico do indivíduo. Não pensamos nele a não ser que se torne “problema”, especialmente quando não dormimos ou somos atormentados por pesadelos. O sonho é a experiência mais intrigante da vida humana. A perda da consciência, de não termos o controle sobre nossos pensamentos e movimentos corporais causa-nos tormento, mesmo assim, isso acontece quando dormimos. Não há motivo para pensar sobre sonhos ou trabalhar com eles, a menos que se queira ou se acredite que possam ajudar. Os sonhos mostram a intensidade das forças pulsionais que nos movem, pois muitas vezes tornam-se difíceis de compreensão e rememoração.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Jornada Interna do Círculo Psicanalítico do RS em 27 de agosto de 2011.

Por outro lado, os sonhos, quando trabalhados, podem ser uma fonte de inspiração e forma de alívio frente às dificuldades experimentadas. Diferente do sonhar quando dormimos, o sonhar acordado mostra a capacidade de devanear, fantasiar e criar novos movimentos na vida cotidiana. Já dizia Dom Quixote: “Quando se sonha sozinho é apenas um sonho. Quando se sonha junto é o começo da realidade”. Os sonhos somente parecem ter significado para quem sonhou. Neste sentido, no teatro dos sonhos, o indivíduo que sonha é a única pessoa na plateia. O sonho pode ser e geralmente é de significado profundo para o sonhador. Não há dúvidas de que os sonhos dependem profundamente da nossa imaginação, de restos e reminiscências diurnas.

Freud na “Conferência VII” diz:

consideram que o sonho manifesto é constituído predominantemente de imagens visuais e, e mais raramente, de pensamentos e palavras, podem imaginar que importância se atribui a esse tipo de relação na construção dos sonhos. Os senhores também verão que assim, em face de um grande número de pensamentos abstratos, se torna possível criar quadros que funcionem como substitutos desses pensamentos no sonho manifesto, ao passo que simultaneamente se ajustam à finalidade de ocultar (1916[1915-16], p.125).

Nossos sonhos não nos dão respostas claras. Ao examinarmos as tramas e personagens aparentemente sem sentido, frequentemente buscamos uma racionalização, um significado “lógico” e “sensato”. Subjacente a estas racionalizações, encontramos as imagens condensadas e deslocadas, figurando a trama de nossos anseios e desejos pessoais.

A ideia de perder a consciência, de não ter controle sobre nossos pensamentos e movimentos aterroriza-nos, mesmo assim, isso acontece quando dormimos. Dormimos não apenas para recuperar nossa mente e corpo do desgaste das atividades diárias; também é necessário dormir porque precisamos sonhar. E isso pode ser mais importante do que se imagina. Todas as pessoas sonham, embora afirmem que não sonharam. A maioria das que afirmam não sonhar não sofre de falta de sonhos, mas sim da capacidade de lembrá-los.

Freud afirmou que os sonhos são consequência da repressão de nossos desejos, tão estranhos à nossa natureza consciente que, mesmo nos sonhos, só aparecem sob a forma de símbolos.

Freud acreditava que, se esses desejos fossem abertamente expressos, certamente nos assustariam e de fato não aceitaríamos a ideia de que fossem nossos. Segundo Freud, nossos sonhos têm um conteúdo manifesto (o que acontece no sonho) e um conteúdo latente (o que o sonho tenta nos dizer). A maioria dos desejos expressos em nossos sonhos seria de natureza sexual.

Freud viveu numa época em que a expressão da sexualidade era extremamente restrita, sendo, portanto, natural que pensasse que a repressão de uma força tão poderosa provocasse distúrbios psicológicos. Para Freud os sonhos cumprem sua missão mesmo que o sonhador não tenha consciência do seu significado, pois a emoção neles representada foi expressa, ainda que de modo distorcido.

Freud em sua teoria levantou que os sonhos muitas vezes combinam dois ou mais símbolos, de modo que um homem em um sonho poderia representar tanto o pai como o empregado, como o vizinho do sonhador, ou uma máquina que poderia estar associada ao seu trabalho ou ao seu lazer. O inconsciente contém tudo que é herdado, que está presente desde o nascimento, que é determinado pela natureza, acima de tudo, as pulsões. No inconsciente permanecem ocultos os desejos recalcados que se expressam no sonho. Para Freud as pessoas “saudáveis” são, em certa medida, reprimidas, investidos de boa parte de energia mental na manutenção dessas repressões: de fato uma pessoa saudável é virtualmente neurótica, mas os sonhos parecem constituir os únicos sintomas que ela é capaz de formar.

O sentido dos sonhos é dado pelas associações livres da pessoa que sonha. Freud escreve que o sonho é uma produção psíquica própria da pessoa que sonha e deixou de ser visto como uma mensagem auspiciosa ou nefasta “de forças superiores, deuses ou demônios”, como nos tempos mitológicos. Os sonhos não dão respostas conclusivas aos enigmas que permeiam as fantasias e representações da realidade. Os sonhos são produzidos por meio de deslocamento e condensação.

Deslocamento é um processo psíquico inconsciente. Por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos essenciais de conteúdo latente em detalhes secundários de conteúdo manifesto. Freud utiliza o termo deslocamento desde 1894, num artigo dedicado às neuropsicoses de defesa, numa acepção que não mais se alteraria. Trata-se, no fim desse artigo, de “alguma coisa”, um quantum de energia, “que é passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha pelos traços mnêmicos das representações mais ou menos como uma carga elétrica sobre a superfície dos corpos”.

A noção de deslocamento é situada intrinsecamente ligada ao processo primário, constitutivo do sistema inconsciente, caracterizado pelo livre deslocamento de uma energia de investimento. O processo de deslocamento começa a assumir sua forma definitiva em 1899, na primeira visão do artigo “Lembranças encobridoras”. Trata-se de explicar as razões das escolhas efetuadas pela memória entre diversos elementos e conteúdos de uma experiência vivida.

Duas forças psíquicas entram em confronto: uma trabalhando na memorização dos acontecimentos, outra sendo uma resistência que se opõe a esta. Pensamentos, sentimentos e comportamentos são movidos pelo inconsciente, por vezes limitados pela censura.

Segundo Roudinesco (1997, p. 148), “deslocamento é o processo psíquico inconsciente, teorizado por Sigmund Freud, sobretudo no contexto da análise do sonho. O deslocamento, por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto”.

Como foi mencionado acima no deslocamento, outros dois mecanismos estão implicados: um chamado de conteúdo manifesto (é aquilo que o sujeito fala, conta), o outro conteúdo latente (é aquilo que precisa ser associado, trabalhado na rede de significações). O deslocamento é, na verdade, a operação responsável pela existência das lembranças infantis que se referem a coisas diferentes ou secundárias.

O deslocamento consiste numa operação de substituição que incide sobre as impressões importantes cuja memorização esbarrou numa resistência, e cuja existência será estabelecida pela análise. Freud (1916[1915-16]), nos seus escritos introdutórios da “Conferência V”, em “Dificuldades e abordagens iniciais”, diz:

estudo dos sonhos não apenas é a melhor preparação para o estudo das neuroses, como também porque os sonhos, por si mesmos, são um sintoma neurótico que nos oferece, ademais a inestimável vantagem de ocorrer em todas as pessoas sadias. Os sonhos também podem ser uma forma de manifestação dos sintomas, um retorno do recalçado, ou do reprimido, deslocados para pessoas, espaços e situações por vezes sem nexos. [...] Nossa relação com o mundo, ao qual viemos tão contragosto, parece incluir também nossa impossibilidade de tolerá-lo ininterruptamente. [...] Cada vez que acordamos, pela manhã, é como que um novo nascimento. Com efeito, ao falar em nosso estado, após o sono, dizemos que sentimos como se tivéssemos acabado de nascer (p. 89).

Freud considera o deslocamento de elementos como uma das formas essenciais do processo de deformação constitutivo do trabalho do sonho. O deslocamento aparece totalmente ligado à censura, esta por sua vez comanda a escolha de elementos paliativos destinados a substituir outros, potencialmente conflitantes.

Graças ao mecanismo de deslocamento, o trabalho do sonho substitui os pensamentos mais significativos de um sonho por pensamentos acessórios, de um modo que o conteúdo importante de um sonho é desfocado e dissimula a realização do desejo. A impressão de que o sonho traz um elemento altamente significativo pode ser substituída por uma impressão oposta, como a indiferença.

Os mecanismos de condensação e deslocamento podem combinar-se para formar um compromisso que é ilustrado no sonho. No deslocamento o inconsciente está investido de uma

carga afetiva (emoção, pulsão) que é deslocada do seu objeto verdadeiro para um elemento substitutivo no sonho, permitindo assim reduzir a tensão. Isso ocorre pelo dinamismo da censura, que constitui um dos processos primários mais importantes do funcionamento do inconsciente.

A censura é o controle crítico que escolhe, dentro de sentimentos íntimos, aqueles que a consciência pode admitir, rejeitando outros por serem perigosos ou incompatíveis com as exigências e o meio social. Tais sentimentos se tornam recalçados no inconsciente, mas, sem nada perder em seu dinamismo, reaparecem sob a forma disfarçada nos sonhos ou nos sintomas ditos neuróticos.

O deslocamento pode ser atribuído pelo método de substituir a parte pelo todo, como figura de retórica. O sonho aponta em seu conteúdo significados e significantes, uma linguagem de metáforas, metonímias e alegorias que, uma vez revelada pelo sonhador, vem carregada de conteúdos trazidos do inconsciente.

E, como estamos falando nos processos inconscientes, para finalizar apresento uma breve história, “A serpente e o vaga-lume”.

Era uma vez uma cobra que perseguia um vaga-lume que nada mais fazia do que simplesmente brilhar. O vaga-lume fugia rápido com medo da feroz predadora e a cobra nem pensava em desistir dele. O vaga-lume fugiu um dia, dois dias, mais outro e nada. No terceiro dia, já sem forças, o vaga-lume parou e disse à cobra: posso fazer-lhe três perguntas?

- Pode. Não costumo abrir esse precedente para ninguém, mas já que vou lhe devorar, pode perguntar.

O vaga-lume: – pertenço à sua cadeia alimentar?

Não.

– Fiz-lhe alguma coisa?

Não.

– Então, por que você quer me comer?

Porque não suporto ver você brilhar (Autor desconhecido).

## Referências

FREEMAN, Sharpe. *Análise dos sonhos: um manual prático para psicanalistas*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferências V e VII (1916[1915-1916])*, vol. XV. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

MARTHE, Robert. A revolução psicanalítica. São Paulo: Perspectiva, 1991.